
ENUNCIACÃO

Revista do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFRRJ

A Ancestralidade e a Ressignificação da Arte frente ao Renascimento do Harlem

The Ancestry and Resignification of Art in the Face of the Harlem Renaissance

Bruna Silva da Conceição*
Luís Carlos Ferreira dos Santos**

Resumo: Este artigo visa apresentar como a ancestralidade unida ao poder da arte englobou movimentos político-culturais de pessoas pretas da diáspora, integrando um valor de emancipação universal que consiste na incessante luta pela comprovação da humanidade e dos direitos civis dessas pessoas através do mundo, retirando, assim, o valor contemplativo da arte ocidental e atribuindo na arte o caráter da funcionalidade. Neste caso, será abordado um pouco do que foi o *Renascimento do Harlem* e como os integrantes desse movimento aliaram a funcionalidade da arte com sua ancestralidade para assim fortalecer a legitimidade de sua humanidade.

Palavras-chave: estética preta, ancestralidade, renascimento do Harlem.

Abstract: *This article aims to present how ancestry united with the power of art encompassed political and cultural movements of black people from the diaspora, integrating a value of universal emancipation that consists in the incessant struggle for the proof of humanity and civil rights of these people throughout the world. Thus removing the contemplative value of Western art and assigning the character of functionality to art. In this case, it will be approached a little of what was the Harlem Renaissance and how the members of that movement combined the functionality of art with its ancestry in order to strengthen the legitimacy of its humanity.*

Keywords: *black aesthetics, ancestry, renaissance of Harlem.*

* Professora de Filosofia, licenciada pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

** Professor do Departamento de Educação – UEFS. Membro do Núcleo de Investigações Transdisciplinares - NIT (UEFS). Membro da Rede Africanidades (UFBA). Doutor em Difusão do Conhecimento (UFBA). Mestre em Educação (UFBA). Graduado em Filosofia (UFBA). E-mail: lcsantos@uefs.br

Introdução

Assim como a Filósofa e escritora Naiara Paula descreve em seu artigo “Estética e Filosofia da Arte Africana: Uma Breve Abordagem sobre os Padrões Estéticos que Conectam África e sua Diáspora”, podemos perceber que entre tantas encruzilhadas, África e Brasil estão totalmente vinculados se tratando da própria cultura, que aqui no caso irá ser abordada particularmente no campo das artes.

Um significado, que se estende para além do que nomeamos por estética, cada vez mais amplo é atribuído pela própria filósofa Naiara Paula¹, citando a doutora Kariamú Welsh-Asante que a funcionalidade da estética africana diaspórica inclui traçar um caminho de conhecimento de si mesmo e libertação e avanço intelectual do povo preto. Com isso, é válido observar que, no imaginário das pessoas no geral, quando se fala da relação da África com a escravidão sempre virá em primeiro lugar – por mais que exista uma desconstrução sendo feita – que os variados povos africanos sequestrados sempre serão considerados como passivos frente à escravidão. Isso foi estruturado através de narrativas históricas racistas que sustentam que os variados povos africanos escravizados não resistiram e conformaram-se com o status de “escravizado”. Muitos soldados especializados, pensadores e pensadoras, reis e rainhas, pessoas pertencentes a elite, todas essas pessoas importantes foram deslocadas para variados cantos do mundo, como no caso do Brasil:

O líder maior de Palmares era chamado “rei”. Muitas cabeças de levantes intitulavam-se reis e rainhas, que se faziam aqui, ou que reconstituíam algum tipo de autoridade que já exerciam na África. Durante a conspiração de 1719, em Minas Gerais, apareceram dois reis, um para dirigir os negros minas, outro os de Angola. A revolta teria sido abortada por desacordo entre os dois grupos, o que confirma a dificuldade das alianças interétnicas. Exibiam ainda título de rei o líder do quilombo do Urubu de Salvador, que também tinha rainha, e Manoel Congo, do quilombo de Pati do Alferes, que além de rainha tinha “vice-rei”. A rainha era a escrava crioula Marianna, que teria resistido com bravura ao assalto da tropa: “não se entregou senão a cacete e gritava: morrer sim, entregar não!!!”, escreveu um contemporâneo.²

¹ EUGENIO, N. P. “Estética e Filosofia da Arte Africana: Uma Breve Abordagem sobre os Padrões Estéticos que Conectam África e sua Diáspora”. In: *Problemata: International Journal of Philosophy*. V. 11, n.º2, p. 113-123. Junho, 2020, p. 114.

² REIS, J. J. “Quilombos e Revoltas Escravas no Brasil”. In: *Revista USP*, n. 23, p. 14-39. dezembro/fevereiro 95/96.

A Ancestralidade e a Ressignificação da Arte frente ao Renascimento do Harlem

O que se denomina como o sumo da Estética Preta ganhará mais movimento e potência através do empenho dessas pessoas em persistir na luta a favor de sua humanidade e libertação. A violência em si não pode ser considerada como a força que move, mas sim a liberdade como o fôlego inicial e final. Assim como Eduardo Buanaíssa³ exalta, por meio da fala de Severino Ngoenha, filósofo moçambicano, que a liberdade tem que ser o meio e a finalidade da ação humana e qualquer que seja a reflexão sobre o histórico da emancipação africana deve ser articulada a busca pela liberdade como emancipação da escravatura e como integração social. Porém, não só para a África, essa fala também se estende para a diáspora. Segundo Santos:

Os pensadores africanos, assim como os pan-africanistas, aqueles que não foram seduzidos pelos “poderes estabelecidos”, têm a busca pela liberdade como luta política contra a lógica do colonialismo. E outros movimentos políticos e culturais pautam a liberdade como busca necessária: o *Harlem Renaissance*, *Légitime Défense*, a negritude.⁴

Neste artigo, estudaremos uma manifestação da diáspora nos Estados Unidos que ficou conhecida como *O Renascimento do Harlem* e como os integrantes desse movimento aliaram a funcionalidade da arte com sua ancestralidade para assim fortalecer a legitimidade de sua humanidade.

O Renascimento do Harlem

Caso olhemos para o cenário dos Estados Unidos em pleno fim do século XIX, deparamo-nos ainda com uma divisão do território, em que, por um lado, as colônias do Norte foram tomadas pelos protestantes europeus que emigraram por conta de perseguições religiosas, buscando desenvolver uma economia baseada no comércio com pequenas propriedades e com a estimativa para a produção do mercado interno, e, por outro, as colônias do Sul foram ocupadas pela Inglaterra em peso, com uma economia que se movia por meio da mão de obra escrava fundamentada no latifúndio. Com a Independência dos Estados Unidos declarada em 4 de julho de 1776, era pensado que

³ BUANAÍSSA, E. PAREDES, M. “Severino Ngoenha: Política e Liberdade no Moçambique Contemporâneo”. In: *Revista Opinião Filosófica*, vol. 09; no 1, 2018, p. 11.

⁴ SANTOS, L. C. F. dos. “O poder de matar e a recusa em morrer: filopoética afrodiáspórica como arquipélago de libertação” / Luís Carlos Ferreira dos Santos. - 2019. 236 f. Tese (Doutorado Multidisciplinar e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento) - *Universidade Federal da Bahia*. Faculdade de Educação, Salvador, 2019, p. 42.

A Ancestralidade e a Ressignificação da Arte frente ao Renascimento do Harlem

talvez essas diferenças seriam esquecidas e a identidade de uma só pátria seria finalmente construída, mas ainda existia o empecilho das discordâncias entre o lado norte e sul do país:

Os EUA eram um país recém-formado e dividido entre si e uma das razões era decorrente das diferentes bases das economias das regiões Norte e Sul, as quais eram parcialmente frutos das características geográficas. De maneira que os escravos eram utilizados em larga escala, principalmente nos territórios do Sul dos EUA, que tinha uma economia baseada na agricultura de pequenos proprietários e nas plantations. Enquanto o Norte foi desenvolvendo uma economia cada vez mais baseada na indústria, e juntamente com isso foi adquirindo um pensamento abolicionistas, visto que a escravidão era prejudicial ao processo de industrialização.⁵

Trazendo um pouco da história inicial dos Estados Unidos, podemos compreender e relacionar melhor a trajetória dos pretos e pretas pertencentes ao Renascimento do Harlem. Notando que o Norte dos Estados Unidos possuía características republicanas, industriais e abolicionistas, houve uma grande demanda em se tratando da fuga do povo preto escravizado no Sul. Ainda com indícios do início de uma guerra interna, eles descobriram a possibilidade de alistarem-se e alcançarem um novo patamar social e econômico. A partir daí, é sequenciada a Guerra da Secessão que demonstra o ápice do conflito dessas regiões onde ficou evidenciado essas diferenças tão gritantes: os modelos de sociedade divergentes no território americano. Com a vitória do Sul dos Estados Unidos declarada e o Norte do território totalmente devastado, a trajetória do avanço dos pretos na sociedade americana foi comprometida. Com o assassinato do presidente Abraham Lincoln, há a sucessão de Andrew Johnson e ratifica a 13º Emenda Constitucional que irá legalizar a abolição da escravidão.⁶ O que se demonstrou como melhoria, na verdade, voltou a apresentar-se como um pesadelo na vida do povo preto, pois suas vidas ficaram vinculadas aos seus senhores do Sul. A sociedade foi reerguendo-se posteriormente à guerra e mais uma vez ficou claro que eles não tinham espaço com a aprovação da 14º Emenda Constitucional.

Com isso, o ar de segregação é instaurado no qual é claramente definido o lugar do branco e o lugar do preto, correspondendo principalmente aos direitos e à humanidade. Surge uma série de movimentos de retaliação contra essas vidas, como a *Ku Klux Klan*, um grupo radical e violento que demonstrava total discordância com a

⁵ CHECCO, G. *Negros Protagonistas: Cinema e Música na Integração Racial Americana*. São Paulo: GEA – MEDIATECA, 2016, p. 2.

⁶ *Ibidem*.

A Ancestralidade e a Ressignificação da Arte frente ao Renascimento do Harlem

libertação do povo preto e sua integração em sociedade com direitos iguais como qualquer outro indivíduo. Com isso, surge a ideia de supremacia branca. Fortalecendo ainda mais todo esse movimento de exclusão e marginalização, foram criadas também as leis Jim Crow que impulsionaram e legalizaram a segregação racial nos Estados Unidos. O Sul dos Estados Unidos foi munido com o racismo, pois existiam escolas para brancos e escolas para pretos, lugares no ônibus para brancos e lugares no ônibus para pretos, entre outras injúrias que evidenciaram que a pessoa preta não era considerada como humana e cidadã. Nessa atmosfera nada favorável para os negros do Sul dos Estados Unidos, houve o movimento chamado por *Great Migration*, a migração dessas pessoas para o Norte do país – principalmente para Chicago e Nova Iorque – por perceberem certa vantagem com relação às chances de emergir economicamente e socialmente. Nessa articulação, surgiu o movimento chamado de Renascimento do Harlem:

Ou seja: foi em meio a movimentação de sujeitos coletivos – que compartilhavam as mesmas vivências da desigualdade racial – que surge um movimento artístico e cultural cujos objetivos perpassam o orgulho racial e a subversão da falta de representatividade e das representações racistas que prevaleciam nas artes do país.⁷

O Renascimento do Harlem foi uma ação construída pelos artistas pretos que migraram para o Norte dos Estados Unidos que se caracterizava pelo protagonismo preto em variadas áreas artísticas. Um verdadeiro movimento cultural, localizado no bairro Harlem em Manhattan, produzido para protestar sobre toda a onda racista que imperava no lado sul, para colocar seus posicionamentos em evidência, demonstrar seu orgulho e nada mais oportuno do que utilizar o canal da arte para se expressar e assim consolidar com sua própria humanidade. Assim como em qualquer outro movimento, surgem os grandes nomes que estiveram à frente em sua fundação. Alain Locke, escritor e filósofo natural da Filadélfia, foi considerado como o grande “pai” do Renascimento do Harlem, publicando, em 1925, uma coleção de escritos chamada por *The New Negro* que apresenta a posição e a cena local dos artistas afro-americanos:

Locke diz que, por gerações e gerações, o negro na América era visto muito mais como uma fórmula do que como um ser humano. Ele comenta a *Great Migration* e diz que

⁷ CARDOSO, A. “História, Arte e Resistência: ‘Harlem Renaissance and Black Representation in American’s Art at the Beginning of the 20th Century’”. In: *Anais ANPUH História e Democracia*, São Paulo 2018, p. 7.

A Ancestralidade e a Ressignificação da Arte frente ao Renascimento do Harlem

afro-americanos rumaram para o Norte porque viram a oportunidade de liberdade social e econômica e uma chance de melhorar suas condições de vida num ambiente mais democrático. O escritor diz que, na caminhada para o Norte, os negros não estavam indo apenas do campo para a cidade, mas sim da América medieval para a América moderna.⁸

Alain Locke reúne em sua obra uma série de registros sobre o que foi feito com relação à produção no Renascimento do Harlem, buscando construir uma nova imagem dos afro-americanos, fazendo referência à vociferação desses corpos, ao seu valor cultural e humano. Podemos encontrar produções referentes à Literatura, Poesia, Drama, Música junto aos nomes dos pretos intelectuais. Em *The New Negro*, notamos também que não há apenas a apresentação dessas obras, mas sim um espaço para reflexão e confrontação contra os brancos e contra os próprios pretos, como uma forma de acordá-los para o seu real destino e suas capacidades que foram tanto vendadas por esse resquício do passado que a sociedade colonial ainda tentava impor, o costume que o mundo ocidental possui de querer colocar as rédeas no mundo africano e sua diáspora:

A obra de Locke serviu para demonstrar que a participação no campo das letras e das artes faria do “novo negro” um ator social, ou seja, participando do ambiente cultural estaria contribuindo para a civilização do país, desse modo ele passava a ser cidadão. Deve-se ressaltar que a construção do “New Negro” está sendo retomada pelos críticos literários como meio de legitimar a democracia norte-americana, ou seja, apoiando-se na questão da formação de uma nova imagem do negro, o ideal de democracia e seu preceito de igualdade seria defendido, apagando as diferenças para se dizer que nunca houve discriminação ou questões raciais problemáticas no país⁹.

Um belo exemplo é o escritor e ativista Arthur A. Schomburg, um dos célebres intelectuais que participaram dessa ação, nos traz no início do capítulo *The Negro Dig up in the Past* sua dissertação sobre o quanto os pretos precisam redimir-se com um passado que lhes foi imposto, do passado dos seus ancestrais, que é preciso ressignificar toda dor por meio da luta no presente para assim construir um futuro melhor, quebrando com a estruturas antes colocadas:

The American Negro must remake his past in order to make his future. Though it is orthodox to think of America as the one country where it is unnecessary to have a past. What is a luxury for the nation as a whole becomes a prime social necessity for the Negro. For him, a group tradition must supply compensation for persuction, and pride of race the antidote for prejudice. Histroy must restore what slavery took away, for it is

⁸ *Ibidem*, p. 3.

⁹ DURAO, G. “O Renascimento do Harlem – Panafricanismo e a Luta Contra a Inferioridade Racial (1920-1930)”. In: *Anais do SILLAFRO*, n.º 1, 2012, p. 294.

A Ancestralidade e a Ressignificação da Arte frente ao Renascimento do Harlem

the social damage of slavery that the presente generations must repair and offset. So among the rising democratic millions we find the Negro thinking more collectively, more retrospectively than the rest, and apt out of the very pressure of the presente to become the most enthusiastic antiquarian of them all.¹⁰

O bloqueio ocidental é quebrado com a intervenção da ancestralidade, de sua busca e ressignificação da mesma. A partir do momento em que essas pessoas se apegam às suas raízes e ressignificam todo o valor antes colocado através dos olhos ocidentais, a força ressurge ultrapassando os limites impostos pela herança da escravidão e de todo mau que já tinha sido assimilado a essas pessoas. O histórico de submissão, irracionalidade, dos corpos que foram sinônimos de mercadoria, das almas que foram demonizadas.

O Renascimento do Harlem além de apresentar-se como um movimento libertário em todos os âmbitos no que se refere à população preta que habitava os Estados Unidos, tinha também a desmistificação do preto como seu objetivo principal. Revelar sua real identidade, destacar sua humanidade ao romper com todo estereótipo criado por seu colonizador. Alain Locke introduz toda essa problemática no início de sua obra:

So for generations in the mind of America, the Negro has been more than a formula than a human being – a something to be argued about, condemned or defended to “kept down” or “in his place”, or “helped up”, to be worried with or worried over, harassed or patronized, a social bogey or a social burden. The thinking negro even has been induced to share this same general attitude, to focus his attention on controversial issues, to seem himself in the distorted perspective of a social problem. His shadow, so to speak, has been more real to him than his personality. Through having had to appeal from the unjust stereotypes of his oppressors and traducers of those his liberators, friends and benefactors he has had to subscribe to the traditional positions from which his case has been viewed. Little true social or self-understanding has or could come from such a situation.¹¹

Novamente, já introduzido anteriormente com o Movimento Pan-Africanista, Du Bois coopera no início do Renascimento do Harlem. Ele colocava-se contra as práticas segregacionistas que imperavam no sul dos Estados Unidos e posicionava-se a favor da exaltação do orgulho de ser preto. Com tais posicionamentos, em sua luta, Du Bois atuou na restituição da dignidade do “ser” preto e também no rompimento da ficção

¹⁰ LOCKE, A. “The New Negro”. In: LOCKE, A. (ed) *The New Negro* (1925) New York: Touchstone Books, 1999, p. 136.

¹¹ *Ibidem*, p. 1.

A Ancestralidade e a Ressignificação da Arte frente ao Renascimento do Harlem

antes inventada pelos colonizadores que sempre estabeleceu um processo de auto-ódio entre os seus e também da própria sociedade com eles, utilizando-se de bases histórico-sociais para legitimar suas convicções, apoiando-se até mesmo na própria realidade que o rondava. Em suas mãos, o Renascimento do Harlem obteve uma próspera repercussão através da Revista *The Crisis*, fundada em 1910, que se integrava à *National Association for the Advancement of Colored People* (NAACP) que abrigava as publicações iniciais dos escritores que fizeram parte do Movimento.¹² O Historiador Gustavo Durão, tendo em sua pesquisa determinados movimentos culturais protagonizados por pessoas pretas que demonstram total valor político-social, complementa com sua fala a relevância de Du Bois:

Ele compreendia que a história da escravidão e da discriminação arraigada aos costumes de alguns Estados em seu país reforçava o preconceito, provocando situações de violência e que acabavam distanciando cada vez mais os negros a entrarem em contato com sua história e suas origens. A contribuição de Du Bois foi não só seu pioneirismo, mas a sua dedicação ao estudo das questões raciais, buscando vencer o preconceito e a maneira inferiorizada que o negro era abordado.¹³

Du Bois tornou-se uma das maiores inspirações dentro dos Estados Unidos para pensadores, escritores e poetas pretos que viriam posteriormente à sua empreitada como um homem preto que fez oposição à finalidade que creditavam à cor de sua pele, rompendo assim com padrões impostos. É relatado também que Du Bois acreditava que precisava ser feito um resgate da ligação com o Continente Africano em se tratando da ancestralidade, como mais uma forma de quebrar com a alienação construída pelo colonizador.

No Renascimento do Harlem, por mais que houvesse uma variada rede de artistas, escritores, poetas, músicos, o que os unia era o fato de que suas mais diferentes formas de se expressarem através da arte consistia em um único objetivo. Não importava muito menos o tom da sua pele preta, mas sim sobre levantar a problematização da inclusão do preto liberto ou não liberto para a sociedade americana, de seus direitos; da mesma forma que essa ação se tratava da unificação de todas essas

¹² CARDOSO, A. “História, Arte e Resistência: Harlem Renaissance and Black Representation in American’s Art at the Beginning of the 20th Century”.

¹³ DURAO, G. “O Renascimento do Harlem – Panafricanismo e a Luta Contra a Inferioridade Racial (1920-1930)”, p. 293.

A Ancestralidade e a Ressignificação da Arte frente ao Renascimento do Harlem

peças, seja com relação a suas tradições, costumes e expressões culturais em comum, de raça.

Percebe-se então que a arte e a funcionalidade estão muito presentes no Renascimento do Harlem. Aqui fica claro como ocorre a ressignificação da arte para comprovar a humanidade dessas pessoas, e como a ancestralidade a envolve:

Para Welsh-Asante (1994), não deve haver, na diáspora, manifestação artística sem funcionalidade. A funcionalidade, deve ser uma característica intrínseca à estética africana. A função da Estética estabelece uma relação de operacionalidade entre o indivíduo e a comunidade, isso significa que a arte deve estabelecer um vínculo entre indivíduo e comunidade, uma vez que, no contexto africano, a comunidade tem grande importância social e vital. No entanto, afirma que essas funções da estética africana na diáspora, não devem ser compreendidas dentro de uma lógica ocidental. A funcionalidade da estética africana diaspórica inclui traçar um caminho de conhecimento de si mesmo e libertação e avanço intelectual do povo preto.¹⁴

Nesse viés, pode-se citar o nome, imprescindível para a fundação e desenvolvimento do Renascimento do Harlem, do jornalista e poeta afro-americano de origem jamaicana Claude Mac Kay que enxergou o bairro Harlem como um lugar propício para os debates de caráter negro-africanos. Mac Kay era um intelectual que orbitava através de vários países – Londres, Rússia, Paris, Marselha, Espanha, Marrocos –, e essa imensa bagagem fez com que ele próprio ganhasse uma visão bastante ampla de como era não ser aceito por conta da cor de sua pele:

Essa é a riqueza do pensamento de Mac Kay, ele conseguiu, mesmo sem estar ligado a um espaço geográfico fixo, ele entrou em contato com vários escritores negros, captando suas especificidades e contestações em comum. A compreensão das diversas sociedades propiciou entender os pontos de análise dos processos de exclusão e discriminação do negro. As suas múltiplas experiências nos locais que conheceu fazem dele uma espécie de “intelectual transnacional” e isto se torna presente nas suas obras como poesias e romances.¹⁵

É feito o destaque para duas de suas obras em especial, *Home to Harlem* e *Banjo*, cruciais no que se tratava como linguagem para os pretos, seus valores raciais, que influenciaram a Literatura local naquela época. Percebe-se mais uma vez nessa constante busca pela ruptura com as máscaras brancas nas peles pretas – parafraseando nome da obra de Frantz Fanon –, a busca por essas tradições, essas raízes, que não

¹⁴ EUGENIO, N. P. “Estética e Filosofia da Arte Africana: Uma Breve Abordagem sobre os Padrões Estéticos que Conectam África e sua Diáspora”, p. 114.

¹⁵ DURAQ, G. “O Renascimento do Harlem – Panafricanismo e a Luta Contra a Inferioridade Racial (1920-1930)”, p. 297.

A Ancestralidade e a Ressignificação da Arte frente ao Renascimento do Harlem

faziam referência apenas aos países que constituem o Continente Africano, mas sim à diáspora local – seja no Harlem ou em Paris. Buscava também uma integração entre os pretos do Norte e do Sul dos Estados Unidos, pois entendia-se como algo desvantajoso a oposição entre ambos, de modo que deveria haver a integração para o fortalecimento da luta. Fechando a passagem de Mac Kay, em sua obra *A Long Way From Home*, ele conta-nos sobre suas experiências nos mais diversos lugares que percorreu, e também nos apresenta alguns de seus poemas. No capítulo *He Who Gets Slapped*, Mac Kay surpreende ao ilustrar sua vivência e arte em um soneto todo o sentimento de ser um indivíduo à margem. Um homem preto na América, mas que nunca se deixa ser vencido:

America
Embora ela me alimente com pão de amargura,
E afunda em minha garganta com o dente de seu tigre,
roubando meu fôlego de vida,
Eu vou
Confesso que amo esse inferno culto que
testa minha juventude!
Seu vigor flui como
marés em meu sangue, dando-me
uma grande força contra seu ódio.
Sua grandeza varre meu ser como uma inundação.
No entanto, como um rebelde enfrenta um rei no estado,
Eu fico dentro de suas paredes sem um fragmento
de terror, malícia, nem uma palavra de zombaria.
Olho sombriamente para os dias que virão,
E veja seu poder e maravilhas de granito lá,
Sob o toque da mão infalível do Tempo,
Como tesouros inestimáveis afundando na areia
(Tradução livre)

Mais um dos grandes nomes que pensou o Renascimento do Harlem e que ajudou a concretizar esse movimento foi o escritor e ativista Langston Hughes que trouxe o seu choque através da escrita ao perceber-se como um homem preto dentro da América. Sentir que ele mesmo não se encaixava, mas que isso se dirigia estritamente à sociedade americana, sua cor refletia o horror nos olhos de quem o julgava. Langston Hughes possuía sua visão perante à importância presente na ancestralidade. O escritor reverenciava o chamado *Negro-Spirituals* e o *Jazz*, que se apresentavam como os principais representantes desse legado, que se relaciona inteiramente com a ligação da arte com a ancestralidade. A síntese de seu pensamento pode ser encontrado nas expressões culturais e no canto religioso, e também na defesa do espaço de socialização dos pretos na América, por isso o seu canto de libertação e a sua sensibilidade para as

A Ancestralidade e a Ressignificação da Arte frente ao Renascimento do Harlem

questões da cultura e da raça negra.¹⁶ Portanto, temos essa compreensão por completo no poder simbólico de seu poema *I, Too* da obra *The Collected Poems of Langston Hughes*, que traz a questão da autoestima preta, a questão da integração do povo preto na sociedade americana e a ruptura da ideia de subordinação:

Eu também
Eu, também, canto América.
Eu sou o irmão mais sombrio.
Eles me mandam comer na cozinha
Quando a companhia vem,
Mas eu rio,
E como bem,
E cresço forte.
Amanhã,
Eu estarei na mesa
Quando a companhia vem.
Ninguém vai ousar
Dizer para mim,
“Comer na cozinha,”
Então.
Além disso,
Eles vão ver como eu sou belo
E terão vergonha
Eu também sou a América.
(Tradução livre)

No Renascimento do Harlem, percebeu-se e foi comprovado, que essas pessoas são realmente autos suficientes, e que a partir do momento que o povo preto se mostra capaz de produzir arte – Literatura, Teatro, Música, Pintura, Moda, entre outros –, toda a concepção de sua humanidade e sapiência entra em vigor. Houve, então, criações intelectuais e artísticas, uma autoafirmação da identidade afro-americana que foram articuladas e propagadas, gerando, assim, a formação de uma elite preta. Porém, decorrente da crise econômica que ocorreu nos Estados Unidos e das problemáticas referentes à segregação racial, o Renascimento do Harlem foi transferido para Paris que se transforma no novo ponto de encontro e criação desses intelectuais e artistas pretos:

A existência de um ambiente propício em Paris fez com que surgissem os espetáculos compostos por dançarinos negros e as apresentações de jazz como um chamariz para que a cidade mantivesse sua tradição de “capital mundial da cultura”. Ou seja, se os intelectuais norte-americanos procuravam a capital francesa, era porque também existia uma tendência de aceitação dos elementos culturais “negros”, que destacaram não só a “nova musicalidade”, mas tudo que abrangia os elementos da “cultura negra” como, por exemplo, as atuações da dançarina Josephine Baker.¹⁷

¹⁶ *Ibidem*.

¹⁷ *Ibidem*, p. 302.

Ancestralidade

A ancestralidade africana é entendida como aquela que constrói identidades para os “condenados da terra” e desconstrói, no sentido de seguir na estrutura ideológica do pensamento eurocentrado, segundo Oliveira, “criar identidades para corpos mutilados: índios, negros, mulheres”¹⁸. Essa é uma das primeiras questões da justificativa e da importância de outros modelos epistemológicos, éticos e estéticos dos diversos sujeitos filosofantes, como o Renascimento do Harlem tematiza. A defesa pela ancestralidade africana busca problematizar e enfrentar o racismo, a partir do discurso político, mas ético-estético. O racismo é um fenômeno subjetivo (sensível), justificado racionalmente. É uma via de mão dupla, um racismo epistêmico que produz sensibilidades distorcidas. Nesse ponto, é salutar uma crítica e uma criação para a superação do racismo. Apenas a crítica não dinamiza outros olhares acerca desse fenômeno.

A perspectiva da ancestralidade como apresentada elenca o lugar com ponto de partida e parte da cultura preta. Em diálogo com Oliveira (2007), a filosofia da ancestralidade tem como característica: “a horizontalidade, as dobras, o baixo corporal e o movimento”¹⁹. Na contramão da racionalidade moderna ocidental que segue como modelo epistemológico: “vertical, estático, linear, rígido, teleológico; que privilegia o cognitivo”²⁰, apenas, como fundantes. O objetivo de combate a esse modelo epistemológico, político e estético dá-se no fato desse regime de signo ser a fonte da justificativa da violência do racismo cometido contra a população preta. A filosofia como ancestralidade é uma reinvenção, uma redescoberta e uma lembrança. Oliveira (2007) traz a discussão da filosofia com o corpo, e problematiza a construção do corpo, a partir de uma lente filosófica moderna que verticalizou e totalizou o corpo e desconstrói este argumento, sobre o corpo, com a perspectiva de maneira horizontal construída a partir de processos criativos. O corpo tem a potência de singularizar e estabelecer relações, criar ação coletiva. Portanto, “A poética da ancestralidade aposta

¹⁸ OLIVEIRA, E. David. *Filosofia da Ancestralidade: Corpo e Mito na Filosofia da Educação Brasileira*. Curitiba: Editora gráfica Popular, 2007, p. 109.

¹⁹ *Ibidem*, p. 119.

²⁰ *Ibidem*, p. 118.

nos corpos singularizados, mas partindo de discursos coletivos e pertencentes a estruturas de perspectivas de agendas políticas coletivas”²¹.

Considerações Finais

Portanto, aliado as contribuições da filósofa Naiara Paula seguido dos seus apontamentos sobre a ancestralidade e a funcionalidade da arte observada pela doutora e coreógrafa afrocentrista Kariamu Welsh-Asante, podemos perceber que o Renascimento do Harlem trouxe uma grande revolução para uma época em que os valores escravistas ainda estavam totalmente fundamentados nos Estados Unidos. Toda a separação, pretos de um lado e brancos do outro lado, com os direitos básicos e fundamentais das pessoas pretas sendo suprimidos, as piores condições econômicas e sociais sendo condicionadas aos afroamericanos, etc.

A luta pela humanidade das pessoas pretas por suas próprias mãos sempre existiu, e não foi pouca, mas agora ao estar associada com a arte, o valor de ressignificação toma a frente e constrói um sentido intrínseco sobre o que é realmente o valor da humanidade. Se são capazes de fazer arte, da música às artes plásticas, o sentido de humanidade expande-se. A dada Estética Preta estende-se de uma forma que ultrapassa o campo das artes contemplativas e insere-se como a arte que ganha a funcionalidade que equivale ao combustível de luta para a retomada da humanidade preta, seja em solos africanos ou em suas diásporas.

A partir do pensamento de Severino Ngoenha, filósofo moçambicano, podemos pensar que o que movimenta essa luta seria a univocidade em prol da liberdade. A funcionalidade da arte se iguala com o ato da libertação, da emancipação de todas as narrativas colocadas nos corpos pretos e em suas almas através do colonizador:

Se existe um paradigma – no sentido de Khun – do pensamento e da Filosofia africanos como eles se desdobram historicamente, esse paradigma chama-se liberdade. Não de uma forma metafísica ou moral, mas de uma liberdade política. Não podemos pensar a África nem sob ponto de vista político, nem filosófico perdendo de vista o paradigma libertário que deve ser a referência e o critério de julgamento das nossas lucubrações intelectuais e de nossas opções políticas.²²

²¹ SANTOS, L. C. F. dos; OLIVEIRA, E. D. de. “Poética da ancestralidade” In: *Revista Espaço Acadêmico - UEM*, 20(225), 2020, pp. 14-24.

²² NGOENHA, Severino; CASTIANO, José. (orgs.). *Pensamento Engajado. Ensaios sobre filosofia africana. Educação e cultura política*. Maputo: Editora EDUCAR, Universidade Pedagógica, 2011, p. 202.

Referências Bibliográficas

ALBERTI, V. PEREIRA, A. A. *Movimento negro e “Democracia social” no Brasil: Entrevistas com Lideranças do Movimento Negro*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2005.

BUANAÍSSA, E.; PAREDES, M. “Severino Ngoenha: Política e Liberdade no Moçambique Contemporâneo”. In: *Revista Opinião Filosófica*, vol. 09; no 1, 2018, pp. 5-26.

CHECCO, G. *Negros Protagonistas: Cinema e Música na Integração Racial Americana*. São Paulo: GEA – Midiateca, 2016.

CARDOSO, A. História, “Arte e Resistência: ‘Harlem Renaissance and Black Representation in American’s Art at the Beginning of the 20th Century’”. In: *Anais ANPUH História e Democracia*, São Paulo 2018.

DURAO, G. O Renascimento do Harlem – “Panafricanismo e a Luta Contra a Inferioridade Racial (1920-1930)”. In: *Anais do SILIAFRO*, n°1, Uberlândia, 2012.

EUGENIO, N. P. “Estética e Filosofia da Arte Africana: Uma Breve Abordagem sobre os Padrões Estéticos que Conectam África e sua Diáspora”. In: *Problemata: International Journal of Philosophy*, v. 11, n°2, p. 113-123. Junho, 2020.

LOCKE, A. “The New Negro”. In: *The New Negro*, ed. LOCKE, A. (1925) New York: Touchstone Books, 1999.

NGOENHA, S. CASTIANO, J. (orgs.). *Pensamento Engajado. Ensaio sobre filosofia africana. Educação e cultura política*. Maputo: Editora EDUCAR, Universidade Pedagógica, 2011.

REIS, J. J. “Quilombos e Revoltas Escravas no Brasil”. In: *Revista USP*, n. 23, dezembro/fevereiro 95/96, p. 14-39.

OLIVEIRA, E. D. *Filosofia da Ancestralidade: Corpo e Mito na Filosofia da Educação Brasileira*. Curitiba: Editora gráfica Popular, 2007.

SANTOS, Luís Carlos Ferreira dos. “O poder de matar e a recusa em morrer: filopoética afrodiáspórica como arquipélago de libertação” / Luís Carlos Ferreira dos Santos. - 2019. 236 f. Tese (Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento) - *Universidade Federal da Bahia*. Faculdade de Educação, Salvador, 2019.

SANTOS, L. C. F. dos; OLIVEIRA, E. D. de. (2020). “Poética da ancestralidade” In: *Revista Espaço Acadêmico*, UEM, 20(225), pp.14-24.

Recebido em: Março de 2021

Aceito em: Julho de 2021